

# ESPECTRO

Paulo Senise Lisboa



**Edição Eletrônica no formato pdf.  
Cópia do Livro impresso em 1997.  
Editora Arte & Efeito  
CNPJ 00.008.484/0001-08  
Capa: óleo sobre tela “o viajor sobre o mar de névoa” David Friedrich (1818)**

**Todos os direitos reservados ao autor, com reprodução sujeita à autorização expressa.  
Lei nº 9.610/98**

Contato com o Autor pelo e.mail:  
[seniselisboa@yahoo.com.br](mailto:seniselisboa@yahoo.com.br)

## Apresentação

Fácil não é apresentar ao leitor, o Autor, Paulo Senise Lisboa, personalidade multiforme, ainda que saliente sua natureza extrorsa, manifesta é sua alma atribulada, qual moderno Diógenes, com sua lanterna cibernética, a campear um novo homem, para despedir o tradicional.

Advogado combativo, seguro de si nas lides forenses, é um eterno insatisfeito das obras acabadas, a pugnar sôfrego por algo mais, em constante vir-a-ser, pois divisa a perfeição só no horizonte.

Lidador da palavra, é seu senhor, amoldando-a com precisão de artífice, polindo-a na forma, obediente à essencialidade dos significados.

Aparentemente iconoclasta, declarado nihilista em suas criações poéticas e cenáticas é, na verdade, um agnóstico dissimulado, a afligir-se com a destinação humana. Por isso, em suas letras, mensageia esperanças, mesmo nas dúvidas que levanta diante dos desafios da existência.

Para entendê-lo, necessário se faz repisar a leitura de suas frases, atento o leitor às entrelinhas, depositárias do anverso de suas metáforas, pois ainda é o crédulo que apenas teima em negar o amor que sente, mas recusa a vê-lo.

Eu, ao reler-lhe os versos, os monólogos e diálogos, decifrei-lhe os segredos de suas criações artísticas, tintadas nos matizes de uma cordialidade peregrina.

Dr. Jorge Antônio José  
Presidente da Associação Campineira de Imprensa  
Membro da Academia Campinense de Letras

# ESPECTRO

Poemas de cunho Metafísico

Autoria de Paulo Senise Lisboa  
[seniselisboa@yahoo.com.br](mailto:seniselisboa@yahoo.com.br)

## OBSCURIDADE

Ah, espectro cintilante,  
Que fulguras assim,  
Meigo,  
Vil !

Ofusca-me a visão,  
Prende-me no teu encanto  
Conduze-me daqui,  
A deliciosos recantos.

Condenado estou ao eterno sofrimento,  
A brilhar estás qual espírito vicejante,  
Quisera eu possuir-te,  
Em apenas só instante.

Leva-me a brilhar contigo,  
Retira-me daqui,  
Faze-me renascer,  
Como renasces a cada cintilar,

Ou deixa-me morrer,  
Pois de que adianta eterno cintilar,  
Se tampouco teu é o brilho  
Quanto menos o apagar ?

## MONÓLOGO

Horas minhas de vida desperdiçadas,  
Sem beleza, sem alento, sem candura,  
Em gélidas noites tão caladas,  
Forjadas nas mais sofridas desventuras.

Respondei-me, noite, em teu silêncio.  
Esclarece a teu servo em agonia.  
É eterno o durar deste suplício,  
Ou já me aguarda a cova suja e fria ?

Antes não passasse eu de um pensamento.  
Algo fugaz, que a mente logo esquece.  
Assim não sofreria o sentimento,  
Da dor que o coração no peito tece.

Chamam-te feliz quando és um tolo.  
Tudo que te espera é a sepultura.  
Tuas forças, tua esperança, teu consolo,  
Lá estarão com a beleza, o alento e a candura.

## SILÊNCIO

Não me canso de desejar-te,  
Não me canso de chamar-te.  
E por que não vens ?  
Acaso não ouviste ?

Não sabes que vazio está o mundo ?  
Não sabes que morro pouco a pouco ?  
Nem mais triste sou,  
Só a agonia da solidão me rodeia.

Por isso, não me canso de chamar-te.  
E por que não vens,  
Acaso não ouviste ?

O doce canto dos pássaros te dirá.  
A brisa amena do entardecer sussurra ...  
O bailado das estrelas na escuridão te fará compreender.  
O bramir do mar constantemente ecoa ...  
Que não me canso de chamar-te.

E por que não vens ?  
Acaso não ouviste ?

Quando tudo já me for silêncio,  
Quando mais não puder clamar,  
Em breve, então,  
A Natureza por mim falará,  
Que não me canso de chamar-te.

E te perguntará:  
Por que não vens,  
Acaso não ouviste ?

## ANSEIOS

Diva que orienta meus sonhos perdidos,  
Fazendo-me navegar a esmo entre os astros,  
No azul sidéreo entre as chamas  
Das estrelas vagas e distantes.

Néctar refrescante de inefável prazer,  
Que me persuade a razão,  
Conduzindo-me à essência de mim mesmo,  
Exaltando todos meus anseios.

Tu, apenas tu, fonte da necessidade,  
és capaz de tornar minha existência completa,  
e desnecessária, pois, contigo, morre-me a vontade,  
sucumbem-me os desejos, e até mesmo os porquês desaparecem.

E ainda que me acarrete grande sofrimento,  
Hei de desejá-la sem tê-la, sendo preferível ficar  
preso e solitário na terra a perecer nos céus.

## DEVANEIO

Ontem Maria me agradou os olhos.  
Prendeu-me por alguns momentos,  
Como prendem-me os sonhos.

Deixei de ser senhor de mim mesmo,  
pois quem pode dominar-se quando sonha ?

Ontem, como brisa amena, dócil e perfumosa,  
agradou-me o olfato.  
Durante alguns momentos só aspirava Maria,  
sem que visse.

Ontem, como um violino, deliciosa e delicadamente,  
encantou-me os ouvidos,  
sem que provasse.

Senti-me como um vaso cheio de flores,  
sem olhos, sem ouvidos, sem nariz,  
Mas não era um espaço vazio,  
como um céu sem estrelas.

Incrível !  
Nessa minha assinesia, mesmo que não me tocasse,  
Eu a sentia.

Intriguei-me em saber como isso era possível.  
Como ?  
Sem olhos, sem ouvidos, sem nariz,  
Enfim, sem os sentidos !

Só havia uma explicação:  
Maria já fazia parte de mim.  
O que eu sentia era eu mesmo.



## ENTARDECER

O dia amanheceu tristonho.  
Frio, cinza escuro e chuvoso.  
Eu amanhecera com ele.

Dentro em mim um frio gélido,  
uma chuva chorosa.

Pude até então viver sem Paula,  
Mas não poderia mais morrer sem ela.  
E dentro em mim chovia,  
uma chuva chorosa.

Entardecia.  
Dourados pomos áureos de esbranquiçadas nuvens vertiam.  
Aos poucos, enquanto caíam, morria a tarde.  
Eu morria com ela, e Paula não chegara.

Transformou-se a vislumbrosa tarde em espessa escuridão.  
Nada mais havia.  
Dentro em mim, invadiu-me grande turbacão.  
E Paula, onde estava ?

Morrer sem ela não podia,  
Mas, mesmo assim, morria.

Como? Morrer sem Paula não podia!

Foi então que descobri  
ser Paula a noite, a tarde, o dia.

## VERDADE

A existência é um hábito,  
um hábito covarde;  
complexidade fatalista temporária,  
que, paradoxalmente, subjuga o ser,  
pois de nada adianta ser sem existir.

O ser é uma prisão,  
pois sempre se é,  
mesmo embora não se exista.

Inútil ser sem existir.  
Absurdo existir sem ser.

Problemática insolúvel,  
onde reside a fonte de todos os impasses,  
mesmo diante da concepção de uma divindade,  
e que se torna menos terrível na mera compreensão  
da evolução da matéria.

Arrogantes pós estelares,  
em gélidas noites obscuras,  
no inútil contráctil pulso universal,  
em irreversível e atônito processo ao nada.

## AGNÓSTICO

Prefiro o silêncio.  
O silêncio dos mortos.  
A ruína das civilizações,  
às grandes e turbilhonadas urbes.

O retrato do nada,  
único fim, a entropia,  
a dispensabilidade do conhecimento,  
a prova de sua verdadeira inutilidade.

Ninguém a observar a relva verde,  
inundada pelo áureo frescor perfumado das manhãs,  
ou o frio pulsar dos astros na vaga escuridão.

Mas tudo é vão,  
E o nada é indescritível,  
Apenas se aguarda,  
Sendo o único real e concreto objeto de nossa esperança.

A existência é tola e repulsiva.  
Seu alimento é o poder, a força da realização,  
O mando, o domínio, a inútil luta.

Os néscios, os decrepitos, os insanos,  
parecem compreender essa realidade,  
por isso a repudiam,  
enquanto o sábio e o filósofo meramente a ignoram.

## ESPECTROS

Descortinam-se as nuvens tenebrosas;  
radiantes fochos emergem  
e simétricas formas refletem  
em diáfanos cristais.

Rios doiro transbordantes  
borbulham sob o róseo celeste,  
a aurora renasce em tons ardentes;  
aos espíritos rejuvenesce.

Mas tudo são aparências,  
espectros destinados a encobrir  
o que realmente há:  
a eterna noite do nada.

## IMAGENS

Apenas sombras,  
vestígios de mim mesmo,  
fragmentos que a esmo  
atordoam meu ser.

Não sou quem era,  
fantasias e quimeras de antes  
sobrepõem-me.

Também não sou quem sou;  
nunca serei agora.  
Quanto menos o que quero ser.

Inerte em minha mente  
uma disputa inútil;  
sou apenas um retrator de imagens.

Mosaicos dispersos, desconexos,  
que nunca haverão de se sobrepor.  
Partes que se encontram em tempo e espaços diversos;  
vestígios do que nunca fui,  
pois que de mim mesmo nada tenho,  
a não ser imagens e fragmentos do que não sou.

Sou o que não sou.  
Definir-me é impossível,  
apenas excludo-me.

Sou a afirmação do que não sou.

## ATEÍSTA

Tenho medo.

A cada instante não sei para que me serve a existência,  
a não ser preparar-me para os céus,  
numa estapafúrdia concepção medieval  
de algo ademais inútil.

Não há planos,  
não há metas verdadeiras,  
a não ser os céus,  
a visão do estapafúrdio,  
na escuridão de uma trega cova,  
através de olhos carcomidos por saprófitas.

Sofrer e morrer para ser salvo  
têm menos sentido do que meramente sofrer e morrer,  
pois que a salvação deveria, por necessidade ontológica,  
anteceder à morte.

Mesmo assim,  
por meio século ou quase um século,  
períodos de plena insignificância,  
convicto, faço planos, buscando fugir de minha desastrosa sina,  
almejando ingresso nos céus de um deus medieval,  
que, após punir-me, venha se apiedar de mim.

Recuso-me à realidade de um mundo devastador,  
onde o próprio medo me impele à ação,  
assentadas minha vontade e existência no mais lânguido terror.

Tenho medo,  
um medo anormal,  
dos que têm consciência.

Torturado pela evolução neural da espécie,  
posuo a noção de minha própria ruína,  
afastando a mais tênue idéia,  
porque inconcludente, de que outro ser no-la desse.

Nenhum deus me serve.

## **NIILISTA**

Longe de você eu sinto o nada.  
Perto de você eu sinto o tudo.

Se o tudo sem o nada fosse tudo,  
o nada sem o tudo era nada.

Mas, se o nada sem o tudo era nada,  
de que vale o nada sem o tudo  
e o tudo sem o nada ?

## ESTÉTICA

O sublime é sempre triste;  
é a visão do eterno inacessível,  
das Artes que refletem a estética,  
do verdadeiro homem.

Sempre houve poucos homens;  
mesmo assim o sublime, ainda que,  
em sua total impotência de realizar,  
inexplicavelmente, subsiste.

Uma frágil impressão além do belo;  
chega-se ao belo pelos sentidos,  
ao sublime pelo espírito.

O belo simplesmente ocupa lugar  
dentro da estrutura do sublime,  
estética da fria masmorra do ser,  
espelhada em templárias abóbadas  
dignas de um Requiem  
sequer principiado por Debussy,  
nas catedrais submersas de Monet.



## A EPICURO

Nada a esperar,  
numa tarde interminável,  
nem amanhecer, nem poente,  
idéias vêm à mente,  
vagas, sem sentido.

A dor do ser se perpetua,  
sem explicação primeira ou última,  
assim é o existir.

Questão que a razão não resolve,  
e a cujas emoções se dobram,  
insipiente, esvai-se no nada,  
no nada que era e que será,  
em sua relatividade, cercado de abismos,  
o ser padece em si mesmo.

Volição inamovível,  
tragédia sem devir,  
do relativo, que, a rigor,  
nunca deveria existir,  
não fosse sua consciência parcial do nada.

Ilha perdida, em que não se aporta.  
Estrela inatingível, de efêmera e inútil beleza.

Tua única função na Natureza,  
reside na satisfação em ti mesmo,  
como desnecessária parcela egocêntrica  
de atormentada e impotente divindade,  
incapaz, por condição, de te fazer perpétuo.

## ANÁLISE

Sou uma metáfora de mim mesmo,  
camaleão que de si fala em muitas formas,  
aguardando seja a morte metáfora da vida,  
num anseio tolo de manter o inútil,  
como se a Natureza fosse dada a desperdícios,  
como se a novidade nunca existisse.

Minha matéria em cancro se transforma,  
e com meu espírito fada-se à síntese do nada,  
inexorável condição a que sujeito todo ser.

Preferível seria nunca fosse,  
imerso num sonho sem sonhos,  
na imperceptível paz do nada,  
nirvana a que nunca se chega,  
apenas alcançável pelo ser  
único, solipso, puro.

## EFLÚVIOS

Se por mim alimentas ojeriza  
É porque me desejas  
Mais que tudo  
Do profundo de tua alma

Se me evitas a tudo  
É porque me amas  
Mais que a ti mesma  
Muito além do que poderíeis suportar

Se mal falas comigo  
E não me respondes quando te indago  
Encobres em teu silêncio  
o que miríades de palavras não conseguiriam exprimir  
O Amor

Sofres, sofres em demasia,  
Atordoa-te o dia,  
Perde-se em agonia a noite.

De momento em momento,  
morre em ti o desejo  
No inútil anseio de fugir ao que sentes

Mas o tempo não é o sábio acalentador  
conselheiro de teu coração  
Pois longe de fazer-te esquecer  
Trespasa a cada instante a lembrança de teu desejo,  
tornando-te ainda mais minha  
do que eu mesmo de mim sou.

## A PLATÃO

Carrego em mim milênios de história  
Uma cópia de cópia da cópia ...  
Algo em mim me desagrada.

Há imperfeição na multiplicidade.

A duplicação, ao invés de pretensiosamente acobertá-la,  
necessariamente a cria, pela perfeita cópia do imperfeito.

Isso em mim me desagrada.  
Estamos necessariamente condicionados  
à diversidade do imperfeito,  
idéia que, em conjunto, em seu todo,  
conduz à série infinita de Platão.

Que afinal seríamos nós ?  
Cópias imperfeitas de algo perfeito, do Homem ideal ?  
Ou cópias perfeitas do imperfeito ?

Platão nunca pensou nesta possibilidade,  
mas para ele era perfeito pensar assim.

Não sei quem sou.  
E nem poderia saber.  
Encobre-se em mim uma cópia perfeita do imperfeito.

Não posso conhecer o que não está em mim.

A reprodução da reprodução de uma sonata de Mozart,  
mesmo sem os mesmos compassos originais, é perfeita.

Nunca conhecerei esses compassos,  
pois sou a perfeita reprodução do imperfeito.

Mas Platão parece estar certo,  
a noção de cópia pressupõe um original,  
e esse original deveria ser perfeito ...

## SEPULCRO

Toma-me o desânimo.  
Esvai-se-me o alento.  
Compunge-me a dor.

O prazer do conhecimento  
cede aos prazeres do corpo.

Não há sublimação maior que a morte.

Toco meu palato com a língua;  
passeio pelo céu da boca,  
sinto meu cadáver.

Minhas mãos se apertam, toco-me,  
apercebo-me das falanges de meu esqueleto.

Morro em mim mesmo.

Ao invés dos astros,  
anelo ser enterrado em meu próprio mundo.

Não há mais sepulturas.  
Não há mais sepulturas.  
Toda humanidade dorme.

## A MEUS FILHOS

Fendeu-se a rotina do tempo,  
nada mais flui,  
não há mais processos,  
a matéria putrefez-se.

Com apenas um sorriso teu, compro um universo.

Heráclito estava enganado,  
as coisas não estão em permanente mudança.  
Apenas esgotam-se, dissipam-se.  
Constróem-se para destruir-se.  
Organizam-se para o caos.  
Só o nada é eterno, nele não há tempo.

É preferível viver por algo, ainda que relativo.

Com apenas um sorriso teu, compro um universo.

## Nota Posfacial do Autor

A Arte não é a reprodução da realidade, tampouco sua réplica, mas criação pura, vôo do pensamento; é o brilhantismo que foge por completo ao comum, dando solução momentânea e aparente às questões metafísicas do homem; é o transcendente, o que não está no mundo por si, mas é posto pelo artista; é o que diviniza o homem e humaniza um deus, deixando ambos impotentes, pois que suas naturezas persistem, embora ilusoriamente pareçam confundir-se; é o contraste da magnificência e do infinito contraposto à miséria e pequenez da condição humana; é uma prece constante, sem resposta, clamando pela solução desse impasse paradoxal, restando desse embate apenas a impressão de que tudo é vão, a não ser que o homem seja um deus mortal. Mas, de que aproveita um deus mortal ? Logo, tudo é vão.

Paulo Senise Lisboa